

O MITO DA MULTIDÃO: UMA BREVE HISTÓRIA DA PARADA GAY DE SÃO PAULO

Ronaldo Trindade

Universidade Nove de Julho

E-mail: ronaldotrindade@gmail.com

Resumo: Tentei mapear ao longo desse artigo, por meio dessa breve história da Parada Gay de São Paulo, alguns saberes que se produziram sobre a homossexualidade. Por meio do que se dizia, quem dizia, e o que acontecia, salientei importantes coalisões e alianças nas quais certas fronteiras foram cindidas. O *Mito de Stonewall*, também foi recorrentemente acionado entre nós, porém aqui ele remeteu a diferentes arranjos. Ao invés de afirmar um grupo identitário monolítico, que toma a orientação sexual por condição de pertença, conduziu a um coletivo mais amplo e coligações mais poderosas que, nas palavras de Donna Haraway, espelham o “reconhecimento crescente de outra resposta: aquela que se dá por meio da coalizão, a afinidade em vez da identidade”. (Haraway, 1985: 149-181). Não fala de totalidades, mas de ligações parciais.

Palavras-chave: Parada Gay; Stonewall; Movimentos Sociais.

Abstract: I tried to map throughout this article, through this brief history of the Gay Parade in São Paulo, which produced some knowledge about homosexuality. Through what was said, who said, and what happened, I pointed out important coalitions and alliances within certain boundaries which were spun off. The *Myth of Stonewall* was also repeatedly driven between us, but here he referred to different arrangements. Instead of asserting a monolithic identity group that makes sexual orientation a condition of membership, led to a wider collective and more powerful coalitions that, in the words of Donna Haraway, reflect the “growing recognition of another response: one that gives through the coalition affinity instead of the identity”. (Haraway, 1985). Do not talk about wholes, but partial connections.

Key words: Gay Parade; Stonewall; Social Movements.

Este artigo é uma breve narrativa da Parada Gay de São Paulo. Meu argumento aqui é o de que a Parada Gay evidencia deslocamentos importantes nas formas políticas a que estiveram atreladas as ações ativistas relacionadas com a sexualidade desde o seu surgimento.

A gênese da política gay poderia ser contada dessa forma: na noite de 28 de junho de 1969, um acontecimento paradigmático teve lugar na cidade de Nova York, nos Estados Unidos da América. O bar *Stonewall Inn*, frequentado majoritariamente por homossexuais, que ficava na região conhecida como o “gueto homossexual” da cidade, foi invadido por forças policiais decididas a reprimir a concentração de gays e lésbicas no local. Mas, nessa noite, a polícia enfrentou a reação dos frequentadores, que empreenderam uma batalha que duraria um final de semana inteiro. Com a eclosão desse conflito, outras questões políticas foram sendo desencadeadas e alguns dos habituais frequentadores passaram a se organizar politicamente através da Frente de Libertação Gay, e o dia 28 de junho foi então proclamado como *Dia do Orgulho Gay* (Fry & Macrae, 1985: 96-7).

Em uma obra bastante explicativa desse período, John D’Emillio (1983) historicizou a emergência do movimento dos direitos homossexuais nos anos posteriores a *Stonewall*. No mundo euroestadunidense, esse movimento eclodiu no bojo das lutas por direitos civis de operários, negros, mulheres e foi impulsionado pelos novos valores da juventude que questionavam velhas estruturas de poder e desafiavam modelos de comportamento. Quando do seu surgimento, aliou-se ao movimento feminista que, mais do que desafiar a dominação masculina, salientava as questões até então tidas como privadas, como de relevante importância política, como era o caso da sexualidade. Esses movimentos não apenas reformularam velhas formas de organização política como também produziram revisões teórico-metodológicas de conceitos-chave para a modernidade, colocando em cheque categorias como, por exemplo, humano e indivíduo que estavam por trás das noções essencializadas de identidade. As novas configurações, fossem elas políticas ou teóricas, formavam o pano de fundo sobre o qual se construíram inicialmente no mundo euroestadunidense, e mais tarde, nas periferias do ocidente, novas formas de ativismo então ligadas à homossexualidade. Emergindo como categoria política, afirmava-se como uma nova forma de identidade social e não mais como um desvio ou uma patologia.

Os ruídos do *Stonewall* alçaram voos mais longos e se insinuaram também entre os homossexuais latino-americanos. Analisando as trans-

formações do ativismo homossexual em outros países, James Green salientava que:

Ocorreram mudanças drásticas na América Latina, nas duas últimas décadas. Os movimentos políticos dos gays, lésbicas e transgêneros emergiram em todos os países do continente. Um movimento social que, na época, inspirava-se no massivo movimento dos gays e lésbicas nos Estados Unidos, empreendeu debates políticos nacionais sobre sexualidade, discriminação e os significados da plena participação democrática de todos os setores no processo político. (Green, 2003: 17)

Também atento à construção do ativismo gay no Brasil, escrevi sobre a história de vida dos principais autores da homossexualidade no Brasil e que foram também atuantes ativistas envolvidos com a construção do movimento homossexual brasileiro. Ali salientei que tais atores mantinham uma estreita ligação, com movimentos de afirmação política que eclodiram em outros países, acionando em seus escritos e em suas práticas políticas tais concepções de homossexualidade (Trindade, 2002).

Os finais da década de 1970 e início da década seguinte, na cidade de São Paulo, viram emergir, em termos políticos, a primeira organização de ativismo homossexual e a se delinarem as formas que essa política devia assumir com vistas à inclusão dos homossexuais como sujeitos de direito. Foi, em torno da questão da legitimidade, que a organização política da homossexualidade se produziu entre nós.

Atravessado por diversas diferenças internas, o movimento homossexual passou por questionamentos que minavam também outras formas de organização política que tomavam as identidades sociais coerentes como centros nervosos de sua atuação. Produziram-se então estudos acadêmicos que questionavam o conceito monolítico de homossexualidade e também a validade de uma identidade centrada que subsumia as diferenças que conflitavam em seu interior.

Em 1982, Edward MacRae publicou um instigante artigo, de grande valia para os estudiosos da homossexualidade no Brasil e que acho deveras importante ser retomado para essa discussão. Instigante a começar pelo título: *“O respeitável militante e as bichas loucas”* onde, já de início, se percebe uma oposição entre os sujeitos de uma política gay e aqueles outros que podiam destituí-la de credibilidade. Operacionalizou-se naqueles anos

uma assepsia do termo homossexual que satanizava determinadas posturas, atitudes e comportamentos. A inclusão política se produziu por meio de uma adequação às convenções de gênero (MacRae, 1982). As palavras de MacRae, já naqueles anos, denunciavam como a fechoação foi execrada em prol de uma necessária seriedade no processo afirmativo de uma ainda frágil política gay que emergia naqueles anos.

Outro trabalho de relevância nesse sentido é a etnografia realizada por Regina Facchini, tanto pelo esforço que o orienta quanto pela observação participante e também ativista da própria autora (Facchini, 2005). Facchini segue as classificações para explicar a formação de um movimento político e faz das siglas que brotaram em seu interior os indícios de acirradas disputas pelos lugares de autoridade, de onde fala a voz representativa dos homossexuais. Relevante por fazer emergir os conflitos que abalavam a coerência de uma categoria identitária monolítica, a autora faz ver as desinteligências e disputas por autoridade que visavam definir quem falaria pelos homossexuais.

Inspirado por questões como essas, minha tese de doutorado foi um esforço de problematizar as certezas de uma identidade coerente e monolítica e fazer brotar as múltiplas diferenciações que existem no interior do que era acionado como homossexualidade (Trindade, 2005). Minha estratégia era evidenciar, etnograficamente, como essa diversidade cotidianamente era salientada nas distintas formas de apropriações da cidade feita pelos homossexuais, evidenciei as diferenças na construção e ornamentação de seus corpos e como isso estabelecia divergências entre eles. Abordei também as diversidades de estilo de vida, formas de consumo, representações midiáticas etc. Essa imersão no campo me fez perceber que mais do que fragmentar a identidade, era necessário mostrar que esses grupos internos não eram também fechados, mas possuíam fronteiras frequentemente cindidas em múltiplas negociações.

Evidenciada em termo de organizações políticas (Facchini, 2005) ou de suas experiências cotidianas (Trindade, 2005), não devemos solapar no equívoco de explicar e historicizar a parada gay em conformidade com um projeto coerente de política identitária gestada no mundo euroestadunidense. A parada gay de que falo neste texto não foi fruto unicamente de disputas de siglas, nem faz dos ativistas os demiurgos que orientaram as massas. A multidão, conceito tomado de empréstimo do filósofo Antonio Negri, impôs novas ações. Não como povo, que lhe aprisionaria a uma forma contratualista moderna, mas como multiplicidade de singularidades, a

multidão foi a impulsionadora das recentes mudanças no cenário político ligado à homossexualidade. O conceito de multiplicidade em questão dialoga com a filosofia de Gilles Deleuze, se refere aos múltiplos agenciamentos que não visam replicar o UNO, e que não tem necessidade nenhuma de uma unidade para formar um sistema.

A Parada Gay de São Paulo

Minha narrativa inicia com a concentração na Praça Roosevelt, ocorrida no dia 28 de junho de 1996. Como um dos incentivadores do evento, o jornalista Paulo Giacomini, uma semana antes, por intermédio do jornal *Folha de S. Paulo*, conclamava os homossexuais paulistanos a prestigiarem o evento. Sua chamada aludia às revoltas de *Stonewall*, a gênese de uma história que, segundo ele, todos os gays compartilhavam. Reivindicada como força motora para a mobilização dos leitores, esse acontecimento funcionava também como uma forma de globalização da política gay, trazendo em seu rastro todo um campo simbólico. Em termos visuais, o arco-íris; em termos políticos, a inclusão cidadã via uma subjetividade política.¹

No dia marcado para a concentração, na Praça Roosevelt estavam presentes apenas alguns atuantes militantes, algumas *drags*, conhecidas por suas performances nas boates gays da cidade e outras personalidades da cena gay, além, vale dizer, dos *punks* que se solidarizavam com as reivindicações dos gays e lésbicas.² Sobre a (pequena) quantidade de pessoas que compareceram ao evento, um jornalista de São Paulo sugeria que o homossexual brasileiro preferia o anonimato de seus armários à exposição pública de sua orientação sexual. Nesse caso, uma parada virtual poderia familiarizar mais pessoas com a necessidade e importância da visibilidade.³

Mas, contraditoriamente a essa suposta preferência pelo anonimato, certas ruas do bairro dos Jardins, nesse mesmo ano, já se encontravam

¹ "Vamos ferver no orgulho gay? A marcha Lesbian & Gay Pride acontece todos os anos em várias partes do planeta. Em Sampa, o povo toma um copo de leite, se atira da janela e cai na real. Sem desfile, mas com triângulo rosa pra dar e camisinha pra vender, vão fechar a rua, chamar um trio elétrico e dançar quadrilha com as drags. Alguém se habilita? E ainda tem o Mural do Orgulho, que é pra resgatar a história. É a visibilidade. Em 1969 _ você já era nascido? _ a polícia nova-iorquina invadiu pela última vez o Stonewall Bar. Desde então, muita coisa mudou. É o orgulho gay, que muita gente adora mostrar. Se animal! Se estiver muito frio, tira um casaco do armário e sai com ele pra dar uma volta. Se não quiser aparecer, ponha uma máscara, se veste de caipira, mas vá! Liinda!" (Paulo Giacomini. Revista da Folha, 23/06/96. p.42).

² Interessantes descrições etnográficas dessa concentração podem ser encontradas em Trindade (2005), França (2006) e Simões e Facchini (2010).

³ Folha de S.Paulo. 20/1/1997. "Primeira Parada Virtual de Orgulho Gay entra hoje na rede"

tomadas, principalmente nos finais de semana, por um grande número de homossexuais que pouco se importavam em ser anônimos. O mesmo ocorria em outros pontos da cidade, como a região central, onde diversos bares, boates e calçadas ficaram cheios de homossexuais de todas as cores e idades (Trindade, 2005).

Por aqueles anos algo aconteceu, o que configuraria um novo cenário para as experiências de homossexualidade vivenciadas na metrópole paulistana. Os organizadores da reunião que ocorreu na Praça Roosevelt acharam que seria mais conveniente que, no ano seguinte, utilizassem a Avenida Paulista. Com esse objetivo em mente, ativistas ligados ao *Grupo Corsa* e *Caheusp*,⁴ dentre outros, encaminharam solicitações aos órgãos públicos responsáveis, requerendo, previamente, autorização legal para o evento e iniciaram um diálogo com o poder público em nome do orgulho gay. Mas no sábado que antecedeu a Parada, uma nota em um jornal da cidade informava os leitores sobre a negação, por parte da CET, ao pedido de ocupação do centro financeiro de São Paulo.

A despeito disso, cinco grupos de homossexuais ocuparam a Avenida Paulista para a comemoração ao Dia Internacional do Orgulho Gay, alegando que o pedido de liberação havia sido encaminhado com bastante antecedência.⁵ A primeira Parada do Orgulho GLT se realizou no local pretendido, levando para as ruas aproximadamente duas mil pessoas que seguiram em festiva passeata até a Praça da República. Todos os envolvidos a consideraram um vitorioso episódio.

O sucesso da primeira edição da Parada do Orgulho Gay, que conserva ainda seu formato e consagrou a Avenida Paulista como centro nervoso dessa manifestação, abriu novos canais de comunicação entre os ativistas e outras instituições. Em 1997, o orgulho gay voltou a ser abordado pela *Folha de S. Paulo*, mas agora o tema parecia gozar de mais espaço por parte do jornal que publicou um artigo de Maria Izabel da Silva, Secretária de Políticas Públicas da CUT (Central Única dos Trabalhadores) intitulado *Sou homossexual e me orgulho disso*. Nesse artigo, Maria Izabel da Silva se remetia aos acontecimentos ocorridos em *Stonewall*: "(...) o dia 28 de junho foi adotado como Dia Internacional do Orgulho Gay e Lésbico em função da rebelião promovida por gays e travestis em Nova York no ano de 1969". Com essas palavras se reafirmava uma conti-

⁴ Grupo Corsa - Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade, Amor; Caheusp - Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos.

⁵ "Parada Gay sai mesmo sem a permissão da CET". *Folha de S. Paulo*. Cotidiano, 27/06/97.

nuidade histórica entre os eventos do bar nova-iorquino com a situação atual da política homossexual:

San Francisco, Paris e Londres são algumas das cidades que organizam paradas de orgulho gay em torno do 28 de junho. No Brasil, as primeiras iniciativas voltadas para um movimento homossexual surgiram no eixo Rio-São Paulo, na segunda metade da década de 70, com a fundação do jornal 'Lampião da Esquina' e do grupo Somos. No início da década de 80, organizaram-se grupos por todo o país, que desempenharam importante papel na luta pelos direitos humanos e civis dos homossexuais. Na segunda metade da década, esses grupos foram fundamentais na proposição de respostas à sociedade civil sobre a epidemia da Aids, que atingia majoritariamente os gays.⁶

A criação e difusão dos grupos de militância pelo país e a movimentação dos grupos civis ligados à prevenção e tratamento dos soropositivos também são acionados no discurso de Maria Izabel da Silva.

As comemorações brasileiras do 28 de junho, no entanto, são recentes. Foram assumidas a partir de 1996, aqui em São Paulo. Em 1997, a 1ª Parada do Orgulho GLT (Gays, Lésbicas e Travestis) reuniu cerca de 2000 pessoas, entre vários artistas e personalidades, que levantaram o tema 'Estamos em Todos os Lugares e em Todas as Profissões'. A 2ª Parada do Orgulho GLT percorre de novo o circuito Avenida Paulista-Praça Roosevelt este ano. A atividade começa às 14h00, em frente ao prédio da Gazeta. A manifestação quer chamar a atenção para o fato de que nós – gays, lésbicas ou travestis – somos sujeitos com direitos e exigimos da sociedade tratamento igual. Nossa opção sexual não nos faz diferentes dos demais cidadãos. Exatamente por isso, não podemos admitir nem a violência policial nem a homofobia que presenciamos frequentemente em nossos bairros, cidades, Estados. Também não podemos admitir de forma alguma a discriminação nos locais de trabalho.⁷

Nesse mesmo ano, a então jornalista do jornal *Folha de S. Paulo*, a jornalista e personalidade da noite e da moda paulistana Érika Palomino também passa a fazer parte dos incentivadores da Parada Gay.

⁶ Maria Izabel da Silva. Sou homossexual e me orgulho disso. *Folha de S. Paulo*. Opinião. 25/06/98.

⁷ Idem, *ibidem*.

CLUBBER QUE É CLUBBER SE JOGA NO FIM-DE-SEMANA

Enquanto isso acontece no domingo a segunda Gay Pride brasileira. Que no Brasil ganha o nome de Parada do Orgulho GLT, onde GLT se traduz por gays, lésbicas e travestis. No ano passado, ficou aquela coisa, lembra? todo mundo ficou meio assim, mas depois decidiu ir, e o evento reuniu 2.000 pessoas. A concentração é às 14h00, na Avenida Paulista, 900, em frente à TV Gazeta. Vai até a Consolação e a Praça da República. Diz que até a Rita Lee já confirmou. (Folha de S. Paulo. Noite Ilustrada. 26/06/1998)

Não se deve subestimar essa aliança uma vez que Palomino foi, durante dezessete anos, uma conhecida colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, assinando a coluna *Noite Ilustrada*. Ao longo das duas últimas décadas, imprimiu seu nome no circuito da moda, sendo a criadora do projeto *Atitude*, do caderno *Moda*, e da revista *Moda*, que editou por quatro anos. Escreveu ativamente sobre o *Mainstream* de São Paulo, particularmente em dois livros em que historicizou e matizou os mundos da noite e da moda: *Babado Forte* (1999) e *A Moda* (2001). Seu público leitor era basicamente constituído em interessados na noite e na moda, estabelecendo com isso uma associação entre as causas gays e a classe média e alta da cidade, seguidores de um determinado estilo de vida.

Em 28 de junho de 1997, por volta das catorze horas do domingo, a Paulista já se encontrava tomada por alguns trios elétricos e um grande número de gays e lésbicas (alguns fantasiados, outros não), travestis e drag queens, desfilando seus coloridos e exuberantes trajés. Iniciava-se a segunda edição da Parada do Orgulho Gay de São Paulo. Visivelmente mais populosa e igualmente mais sonora e colorida, ela povoou o centro financeiro do país e fez dele, naquele dia, uma coisa outra. Dessa vez, não estavam apenas os fundadores do movimento e os grupos *punks*. Misturados à multidão estavam agora os anarquistas, militantes da CUT e de alguns partidos políticos como PT e PSTU, personalidades do meio artístico, da noite e da moda, além de muitos outros desconhecidos que, de acordo com cálculos da Polícia Militar, totalizaram 3,5 mil pessoas. Presente também estava a então deputada Marta Suplicy, personagem política de grande destaque entre os homossexuais por ser autora do projeto de parceria civil registrada, e do grande público por sua atuação feminista tanto no meio acadêmico quanto na mídia.

Enquanto a Parada seguia em festa pela Rua da Consolação, em direção à Praça da República, eu a acompanhava como um espectador admirado daquele evento de dimensões e formas nunca antes vistas; vi também que as calçadas estavam sempre tomadas por pessoas (gays, lésbicas ou

não) que observavam a marcha festiva que chegou à praça às 17h30. Depois da manifestação dos organizadores, militantes e políticas de partidos de esquerda, as cantoras Laura Finnochiaro e Vange Leonel (ambas assumidamente lésbicas) comandaram o show. Ali se teve a notícia, divulgada pelos organizadores – diferentemente do que foi divulgado pela Polícia Militar – de que a Parada tinha chegado a 6 mil pessoas.

A cidade do Rio de Janeiro também comemorou o seu dia do orgulho gay nesse mesmo domingo, levando à orla de Copacabana um número também significativo de seguidores. Os triunfos das paradas realizadas na capital carioca e, principalmente em São Paulo, instauraram mudanças em relação às representações de homossexualidade correntes dentro ou fora do grupo. Não eram mais pessoas que primavam pelo anonimato, ciosas de violência e repressão. Se atraídos pela festa ou pela militância, não importava. Estavam nas ruas assumindo publicamente sua homossexualidade, ufanando-se dela e abarrotando de orgulho os velhos e calejados militantes presentes; mas não somente a eles.

Uma vez consolidada numericamente, a Parada do Orgulho GLBT passou a ser um evento esperado por milhares de gays e lésbicas de São Paulo, dos interiores e mesmo de estados vizinhos como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Paraná. O inesperado crescimento, superior às expectativas dos organizadores demandava agora uma estrutura mais complexa, motivo pelo qual, em 1999, foi criada em São Paulo a Associação da Parada do Orgulho GLBT.⁸

Esse grupo, embrionariamente, contava com a experiência de militantes já envolvidos com a discussão pública a respeito da homossexualidade em São Paulo. Uma vez constituída uma associação, foi possível multiplicar as ações e os diálogos com o Estado e demais instituições, visando aumentar o número de participantes, ampliar as formas de divulgação e estruturar melhor o evento. Seguindo esse novo campo de possíveis novas alianças e formas de atuação, os coordenadores estimavam para esse ano a presença de 14 mil pessoas.

⁸ Desde janeiro de 2008, A associação da parada estava composta da seguinte forma: Diretoria Presidente: Alexandre Santos (Xande); Vice-presidente: Murilo Moura Sarno; Tesoureiro: Manoel Antonio Ballester Zanini; Secretária: Adriana da Silva; Adjunto de Tesoureiro: Ricardo Gambôa; Conselho Fiscal: Alessandra Saraiva, Anna Paula Vencato e Eduardo Lourenço da Cunha; Conselho de Sócios Fundadores: Nelson Matias Pereira, Ideraldo Luiz Beltram e Renato de Freitas Baldin. Conselho de Ética: Pela diretoria: Murilo Moura Sarno e Reinaldo Pereira Damião; Pelos associados: Cleuser Mari Lemos Alves e Herbert Kazutoshi Tsumura; Pela Sociedade Civil: Áurea Celeste da Silva Abbade (GAPA); Secretarias e Grupos Internos: Lésbicas - Papo de Mina: Cléo Dumas; Travestis e Transexuais - Terças Trans: Adriana Silva, Alessandra Saraiva e Alexandre Santos (Xande); Gays - Entre Homens: Murilo Moura Sarno.

Mas novas uniões ainda se consolidariam. No dia da realização da esperada concentração, os leitores da *Revista da Folha* daquele domingo, 27 de junho de 1998, podiam ler o convite de André Fischer, conclamando as pessoas a se fazerem presentes no evento.

Fischer nasceu no Rio de Janeiro. Lá, formou-se em economia e passou a trabalhar numa agência de publicidade, onde, inclusive, realizou o primeiro projeto em computação gráfica do país. Em 1986, com seu namorado, mudou-se para São Paulo na intenção de montar sua própria empresa. Embora sua família não ostentasse preconceitos contra sua orientação sexual, foi somente com a vinda para São Paulo e na formação de um sólido círculo de amigos, que se sentiu a vontade em declarar sua homossexualidade para a família.

A aproximação com o mundo público da homossexualidade se deu de várias formas. Fischer possuía alguns amigos nos Estados Unidos, mais exatamente em Nova York, cidade que passou a visitar em várias ocasiões. Em uma entrevista com esse interlocutor realizada em São Paulo (04/09/2000), contava que “Lá, as pessoas geralmente são mais comprometidas, especialmente meus amigos”; Entre esses amigos “comprometidos” estava o diretor de cinema Karim Ainouz, que dirigia o Festival de Cinema Gay, naquela cidade. Outra amiga era Suzy Capó, sua atual parceira de trabalho, que também era bastante atuante. Em Nova York, Fischer se aproximou do movimento gay: “Então, eu conheci um pouco do movimento gay de lá e, numa dessas vezes, voltei imbuído dessa ideia: quero fazer alguma coisa bacana”.

No desejo de “fazer alguma coisa bacana”, Fischer criou em sua produtora uma galeria em que, já nas primeiras exposições, contou com artistas discutindo questões ligadas à sexualidade. Em meio a essas discussões, a homossexualidade parecia ganhar evidência. Pouco tempo depois, foi convidado, pelo amigo Ainouz, a fazer uma curadoria para o festival de Nova York, o que casava perfeitamente com sua apreciação pelo cinema.

Assim, em setembro de 1993, os gays estadunidenses assistiram ao programa brasileiro, no qual foram exibidos 17 vídeos já na noite de abertura, no *The Kitchen*, em Nova York. Nos dez dias em que transcorreu o Festival, André Fischer selecionou outros 76 trabalhos exibidos no Festival. Tudo estava pronto para que, no dia 5 de outubro, o MIX Brasil – Festival de Manifestações das Sexualidades – estreasse no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo.

Pela primeira vez no país foram exibidos, para um grande público, filmes falando abertamente da sexualidade gay e lésbica, além da primeira mostra de vídeos sobre tatuagem e piercing, que causaram comoção no público. Destaques para *Mistress of The Rings*, *How To Lessons*, *Stolen Tango*, *Smacks! Queer Across Canada*, *Freak*, *Sewing on a Brest*, *Numbering Bad Fruit*, *Sex Fish* e *Kissy Suzuki Suck*. Já estavam programadas versões do Festival no Palácio da Abolição em Fortaleza, Cine Ritz em Curitiba, Cine Usina em Belo Horizonte e na Casa Laura Alvim no Rio de Janeiro. Apenas 4 dias antes da exibição do Festival no Rio a diretora da Laura Alvim, Beatriz Nogueira, decidiu que o Rio de Janeiro não estava preparado para esse evento e cancelou, sem maiores explicações, o Mix Brasil. Protestos gerados principalmente por parte de grupos gays e uma boa cobertura da imprensa garantiram a exibição improvisada na Torre de Babel a convite de Gringo Córdia. Brasília encerrou a turnê do primeiro Mix Brasil, com exibição dos programas na Sala Alberto Nepomuceno no Teatro Nacional. (André Fischer em entrevista concedida a mim em 04/09/2000)

Como se pode perceber, a aparição na mídia fortaleceu a ideia de um festival de cinema que tratasse de assuntos tabus na sociedade. Havia um público intenso que se identificava com certos usos específicos do corpo – *piercings*, tatuagens – e orientações sexuais diversas. Uma vez que aceitou a proposta de realizar um Festival em São Paulo, Fischer foi lançado na mídia como uma espécie de figura de destaque do mundo gay:

As pessoas estavam loucas pra que alguém desse a cara e se propusesse a estar fazendo isso. Quando eu fui convidado para levar os filmes pro MIX do festival de Nova York e tal, de cara eu consegui uma capa na *Ilustrada*. Então eu tenho essa impressão... estavam loucos pra que alguém desse um pontapé. A gente foi pro Rio... já foi capa. O primeiro ano foi uma loucura... foi capa de praticamente todos dos cadernos de cultura das principais capitais do país mesmo por que estava todo mundo dentro das redações loucos pra que alguém tivesse ido justificar, pra que houvesse um caderno cultural com isso. A gente atendeu a um clamor que estava sufocado aí e que a gente também tinha essa necessidade. A primeira vez que saiu uma foto minha, eu lembro que era assim... não sei o que do festival gay e lésbica...e gay e lésbica saiu assim em baixo do meu queixo...mas

assim...eu acho que era muito mais uma demanda. (André Fischer em entrevista concedida a mim em 04/09/2000)

A ideia de que havia uma demanda reprimida não era ingênua. A presença de homossexuais nos meios de comunicação de massa – “(...) mesmo porque estava todo mundo dentro das redações...” – criou uma situação privilegiada para que tudo se iniciasse. Assim, Fischer, aquele que mostrava filmes de gays e lésbicas, apareceu para a sociedade mais ampla como uma espécie de liderança, com o destaque que poucos ativistas políticos haviam conseguido até então:

(...) primeiro é importante que você saiba que a coluna tem um histórico anterior. Eu acho que nos anos 70 o *Jornal da Tarde* já tinha uma coluna com temas gays. Então teve um hiato muito grande e depois a Folha voltou à ativa. Na verdade foi uma coisa que já existia. Quem começou foi a Mary Ree, em 93, final de 92 e era na *Revista da Folha* e depois, eu acho que tem uma outra coisa que foi assim... tem a coluna da Érika Palomino que também é anterior e que cumpria esse papel anteriormente. (André Fischer em entrevista concedida a mim em 04/09/2000)

André Fischer foi o idealizador de um importante fórum de discussões do que chama então de cultura GLS e o site Mix Brasil se tornou um dos principais portais de informações sobre diversos setores da comunidade GLBTT nacional. Seu interesse era, como já revelado na entrevista, principalmente mercadológico, abordando questões nacionais e internacionais de cunho político e ativista, mas também falando de moda, relacionamentos, modelos de famílias alternativos, religião, esporte, saúde e entretenimento. Seu nome esteve relacionado ao longo dos últimos anos com a realização de festivais de cinema relacionados à diversidade sexual, a eventos noturnos e eventos mercadológicos ligados a cultura GLS.⁹ A inclusão do *simpatizante*, entre os consumidores de produtos materiais e simbólicos direcionados para gays e lésbicas, trazia para o mesmo lado também os bissexuais e heterossexuais que levavam um estilo de vida aproximado ao dos homossexuais.

⁹ Mais uma vez, surge a referência à revolta de Stonewall: “A data é uma referência à histórica revolta de Stonewall do dia 28 de junho de 1969, quando um grupo de homossexuais no bar Stonewall Inn, cansados de ser humilhados pela polícia de Nova York, se rebelou contra os maus-tratos e provocou uma guinada no movimento gay.”

Érika Palomino reafirmava o convite de Fischer informando também sobre uma programação que não se resumia ao dia da Parada:

EVENTO ESPERA REUNIR 14 MIL PESSOAS PARA ESTENDER A BANDEIRA DO ARCO-ÍRIS E ESTIMULAR O ORGULHO JUNTO À COMUNIDADE CELEBRE OS 'GAY 90'S' NA AVENIDA PAULISTA

Estão prometidos sete carros alegóricos, das principais boates gays de São Paulo (Blue Space, Station/Frenesi, Nostro 2000, Ponto G, Diesel & B.A.S.E., Mad Queen, SoGo). Temas em debate junto à comunidade, como direitos humanos e violência; AIDS; parceria civil registrada; e o levante de Stonewall (que originou a data das comemorações do 'Gay Pride' nos EUA) serão lembrados em faixas e cartazes. Estará na parada também a bandeira do arco-íris, com 50 metros de comprimento, que será aberta assim que os participantes começarem a caminhada. A apresentadora drag Silvetty Montila (estrela dos shows de boates) vai comandar a parada com seus famosos gritos de guerra. Na Praça da República, outra diva do underground paulistano, Claudia Wonder, apresentará as atrações, que incluem a dupla de tecno Tétine e outras drags, como a top Dimmy Kier. (Érika Palomino. Folha de S. Paulo. Acontece. Domingo, 27 de junho de 1999)

De igual maneira, o texto ressaltava as dificuldades que poderiam se tornar empecilhos para que o evento transcorresse como esperado.

Apesar de a parada fazer parte do calendário oficial da cidade, os organizadores reclamam não ter recebido qualquer verba da Prefeitura, o que, segundo Paulo Giacomini, conselheiro fiscal da Parada, comprometeu a organização e a divulgação. 'Não é como uma rave, por exemplo, em que as pessoas já conseguem as coisas e existe toda uma infraestrutura. Este ano, conseguimos CGC para a parada, mas ainda estamos no caminho da profissionalização.' O evento todo custou R\$ 25 mil. Em Nova York, a parada aglutina todos os segmentos do mundo gay e seus temas emocionam até quem não faz parte do movimento. O Brasil está ainda distante da articulação norte-americana – o levante de Stonewall, símbolo da luta de gays e lésbicas dos tempos modernos, completa agora 30 anos, mas vale a pena lembrar a fala do presidente Clinton ao decretar junho como o mês do orgulho gay e lésbico, no dia 11 passado: 'Não podemos adquirir verdadeira tolerância simplesmente.'

A concentração da III Parada do Orgulho GLT, ocorreu em 28 de junho de 1998, com o tema: "Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos". Iniciou-se às 14h00 em frente ao conhecido prédio da Gazeta, nas cercanias das estações do Metrô Trianon-Masp, Brigadeiro e Paraíso. Conta-va agora com três trios elétricos, alguns carros alegóricos e com uma extensa bandeira do arco-íris conduzida por muitos braços erguidos. Em meio ao

evento foram distribuídos preservativos e camisetas com dizeres relativos ao mundo gay. Vale lembrar que neste ano, a Parada recebeu também um maior número de mulheres homossexuais, já que era o ano em que o movimento de ativismo das lésbicas completava duas décadas.

A meta dos membros da embrionária Associação da Parada do Orgulho GLBT era atingir todos os segmentos do mundo gay, mas os altos custos para a realização de um megaevento e a falta de capital disponível se mostravam um problema. A despeito disso, as expectativas de participantes foram novamente superadas. O ambicionado número de 14 mil participantes foi amplamente suplantado e alcançou o equivalente a 20 mil participantes.¹⁰ Pela primeira vez, também as casas noturnas voltadas para o público gay colocaram seus trios elétricos para desfilar e a Parada recebeu caravanas de mais de 50 cidades.

Entre as personalidades públicas ali presentes, a então deputada federal Marta Suplicy (PT-SP) voltava a se fazer presente, mas agora acompanhada pelo deputado estadual Paulo Teixeira (PT), artistas de televisão e teatro e militantes de partidos de esquerda com menor visibilidade. Mas foi a massiva adesão da população ao evento que mais influiria nas reivindicações futuras e colocaria definitivamente a Parada do Orgulho GLBT entre os eventos mais esperados da cidade, e evidente impulsionador econômico.

No ano seguinte (1999), em sua quarta edição, foram premeditadas diferentes atividades, oferecidas ao público durante a semana que antecedia o domingo festivo.¹¹ Para além de um dia de manifestações, a Parada do Orgulho GLBT se transformou numa espécie de semana cultural que se expandiu por diversos pontos da cidade e dotava de importância a palavra “diversidade”, salientada através de filmes, literatura, teatro, debates e exposições. Havia também discussões políticas, ocorridas durante a entrega do “Prêmio Diversidade”, além da diversão garantida para os homossexuais durante a realização da Parada. A população podia ter acesso livre a quase todos os eventos.

Em 2001, essa programação dinamiza o número de eventos, contando agora também com encontros acadêmicos relacionados com a discussão da diversidade sexual, simpósios e festas noturnas em casas privadas, além do *Dia Gay no Hopi Hare*, um dos maiores parques de di-

¹⁰ Essas estatísticas foram publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo, amparadas pelos números da Polícia Militar. Ainda que tenha havido desinteligências entre os cálculos dos organizadores, são esses os que foram divulgados pela imprensa, o triplo da contagem registrada no ano anterior.

¹¹ Essa programação foi divulgada no Jornal Folha de S. Paulo, Caderno Ilustrada, edição de 20/06/2000.

versões do país.¹² Nesses eventos, embora a questão mercadológica salte aos olhos, ela não deve ocultar a projeção da homossexualidade para além das suas fronteiras.

Se em outros países, importantes marcas aliaram seus produtos ao público gay (bebidas alcoólicas, refrigerantes), a falta desse apoio inibia de certo modo o pretendido avanço numérico. Um reflexo disso é a falta de anunciantes de artigos que não são voltados exclusivamente para homossexuais. Em um artigo publicado na revista *G Magazine*, Stevan Lekitsch se queixa da falta de anunciantes de peso, e alegava que isso era um dos problemas principais enfrentados pelas revistas destinadas ao público gay no Brasil. Uma das alegações das empresas para não anunciarem nessa mídia é o fato de as revistas citadas exibirem cenas de nudez frontal.

Apesar dos argumentos alegados, os anúncios de produtos diversos nas revistas de nu feminino (*Playboy*) são vendidos a altas cifras. Contudo, alguns anunciantes de produtos indiretamente ligados aos homossexuais, como preservativos, operadoras de TV por via satélite (*Direct TV*), que possibilitam acesso aos programas gays de outros países etc., além dos anúncios de saunas, boates, *cinemões*, ajudavam a manter as revistas em funcionamento (Trindade, 2005).

Quando se considera que o tipo de homossexualidade que vem, cada vez mais ganhando visibilidade em tais eventos e nas mídias direcionados para esse público refere-se, principalmente, a elementos da classe média das grandes cidades brasileiras, definem-se atitudes, comportamentos e estilos de vida imbuídos nessas representações. O número de seguidores não impressionava apenas às organizações políticas, mas serviam de inspiração para a produção de um mercado segmentado e possivelmente bastante lucrativo. Os homossexuais eram agora incluídos mercadologicamente como “consumidores privilegiados”, ainda que tal ideia se ampare em reificantes discursos: não constituem família, possuem bons graus escolares, são exigentes com seus gastos e são afeitos ao hedonismo. Mas o ponto positivo estava na inclusão desse segmento nas formulações de políticas públicas, na apropriação midiática diversa, na elaboração de estratégias econômicas desse grupo e na formulação de campanhas publicitárias.

Enquanto a parada se consolidava como um grande movimento de massa, o seu público passava a despontar em discussões relacionadas não apenas a política gay, mas também aos indicadores econômicos. Os gays

¹² Ver: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u63.shtml>

estavam por cima, *de salto alto*, como afirmou na época uma matéria da revista *Isto É*. O texto fazia emergir o poder de consumo dos homossexuais no Brasil e alertava que, apesar de ainda não haver números específicos sobre o valor movimentado pelos homossexuais brasileiros, existem indícios de um aumento na demanda de produtos e serviços voltados para esse segmento.

ONGs ligadas ao mundo gay calculam que 10% da população fez uma opção sexual alternativa, algo em torno de 18 milhões de brasileiros. Dados da recém-criada Associação dos Empresários GLS do Brasil revelam que no ano passado só na cidade de São Paulo esse público gastou mais de R\$ 150 milhões. Se o preconceito não fosse maior que a vontade de ganhar dinheiro, esses números seriam ainda mais altos. Nos Estados Unidos, a comunidade homossexual desembolsou US\$ 47 bilhões em 2000. 'Aqui, apesar de o orçamento total da Semana do Orgulho Gay de São Paulo ter ficado em R\$ 320 mil, apenas R\$ 200 mil foram arrecadados.'¹³

No ano de 2001, por ocasião da V Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, que para sua preparação teria desembolsado 320 mil reais, 200 mil foram arrecadados de apenas três empresas privadas (portal IG, energéticos Red Bull e companhia aérea South África), ainda que 200 outras tenham sido contatadas.¹⁴ Nesse momento, os homossexuais foram documentados de formas várias e representados na imprensa como valiosos consumidores, muitos deles oriundos das camadas médias e altas da população. Nesse mesmo ano, essas suspeitas se tornaram fato, uma vez que 200 mil pessoas que ocuparam a Avenida Paulista vieram prestigiar o evento oriundos das mais diversas cidades e estados brasileiros e também de outros países.

Vale ressaltar que embora a Parada se multiplicasse vertiginosamente a cada ano que passava, esses números tornaram mais desumana a homofobia; contraditoriamente, fazia um número maior de vítimas: "Um levantamento da Associação da Parada do Orgulho GLBT, com base em notícias publicadas na imprensa, indicava que 130 homossexuais foram assassinados no Brasil no ano passado".¹⁵

¹³ Chico Silva; Marina Caruso. "Alegria, alegria: O calendário das paradas mostra que o orgulho gay cresce e com ele o mercado específico. Mas o preconceito ainda é grande". In Revista *Isto É*, Seção Comportamento, 20/06/2001.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Folha de S. Paulo. Caderno Cotidiano, edição de 15/02/2001.

O evento ocorrido na Praça da República, no dia 06 de fevereiro de 2001, em memória de Edson Neris, um adestrador de cães brutalmente assassinado por um grupo de jovens seguidores de tendências neonazistas contrários à homossexualidade, atraiu também ativistas políticos que lutavam contra crimes de ódio.¹⁶ Estes agora se somavam aos costumeiros e também aos novos militantes de diversos grupos e partidos políticos. Estiveram presentes também artistas da noite, jornalistas e escritores ligados de alguma forma aos homossexuais.

Em 2002, mais empresas se aliaram à Parada, que contava também com mais apoio logístico do poder público. Dessa vez, se montou uma infraestrutura para receber um grande número de pessoas vindas dos mais diversos lugares do Brasil e do mundo. Além das atividades já conhecidas da semana da parada, o site do Mix Brasil divulgava também a programação das casas noturnas, que estavam preparadas para receber a grande leva de homossexuais que aportaria na cidade.¹⁷

A publicação dessas informações e mesmo os custos com entrada, divulgados pelas casas (*cruising bars*, bares, boates e festas excepcionais) apostavam nos consumidores de classe média e alta, turistas ou não. As opções também abrangiam vários “tipos” de homossexuais, com espaço para os diferentes estilos de homossexualidade que foram objeto de meu estudo de doutoramento, quais sejam: *modernos*, *ursos* e *barbies*. Indo além das manifestações artísticas e intelectuais, ocorreu ainda a ocupação de ruas e espaços de sociabilidade pautados pela ética da heteronormatividade (Trindade, 2005).

No domingo, dia 2 de junho de 2002, a parada do Orgulho GLBT começou com um grande atraso, saindo da Avenida Paulista apenas às 16h20min. Seria a edição do evento que tinha como tema a visibilidade para as lésbicas. Assim, ela foi aberta por um grupo de mulheres em motocicletas.¹⁸ Além delas, outros homossexuais que também não se sentiam socialmente visíveis tiveram espaço garantido. Esse foi o caso dos *ursos*, que, nos eventos organizados por ocasião das festividades do orgulho gay, tiveram presença marcante, como dá conta a matéria postada em um site voltado para a comunidade ursina do Brasil:

¹⁶ Sobre o assassinato do adestrador de cães Edson Neris, ver Trindade (2005).

¹⁷ Ver: <http://mixbrasil.uol.com.br/pride/pride2002/festas.htm>

¹⁸ Ver: <http://glsplanet.terra.com.br/pride/parsp2002.shtml>

Mas a Parada não se restringiu a este aspecto e sim foi composta por uma série de eventos voltados para grupos diferenciados dentro da diversidade que impera no universo homossexual. A Parada conseguiu na totalidade agregar todos os subgrupos do universo gay que seguram juntos sob as bandeiras da conscientização, diversidade e da diversão. A presença de Bears na Parada foi notada, enaltecida e cultuada até por grupos gays não Ursos ou Bears.¹⁹

Sinais diacríticos usados para evidenciar a diferença em relação aos outros “tipos” de homossexuais foram salientados em diferentes momentos ao longo da programação: Festa na Vieira, Encontro dos *ursos* na Nanquim, *ursos* na Sauna (Wild Thermas Club), Encontro Bear SP, Bears no Bailão, Bears no Hopi Hari, Bears Selvagens na Sauna, Bear Lounge, *ursos* na Blue Space, VI Parada de São Paulo e Evento de Encerramento.²⁰

Nessa edição do evento, em que a expectativa dos organizadores novamente foi superada – em vez dos esperados 300 mil, foi falado em pelo menos 700 mil – a presença e afirmação dos *ursos* eram visíveis tanto nos eventos culturais coletivos quanto naqueles realizados em espaços públicos. As festas privadas a esse subgrupo e seus apreciadores contavam com o apoio dos proprietários dos bares frequentados por esse segmento e também pelo site de divulgação de eventos e informativos para essa comunidade (Trindade, 2005).

O movimento das Paradas, impulsionado pelo bem sucedido modelo paulistano, expandiu-se de norte a sul do país, seguindo datas aproximadas e adotando formas similares de organização como trios elétricos, bandeiras do arco-íris, shows, *drags*, *gogo boys* e a participação de militantes políticos. Também foram divulgadas pela mídia e se tornaram assuntos de discussão entre a população das diversas cidades brasileiras.

De acordo com o levantamento elaborado por Luis Mott, fica claro que na maioria das capitais brasileiras, os grupos de ativismo homossexual conseguiram levar pessoas para as ruas visando visibilidade pública para as questões relacionadas com a homossexualidade, masculina ou feminina. Elaborando um ranking das mais “visíveis”, Mott ressalta ainda as estimativas dos grupos organizadores no ano de 2004.²¹

¹⁹ Ver: <http://www.cronicabear.com/edicoes/cb3.html>

²⁰ Ver: <http://www.cronicabear.com/edicoes/cb3.html>

²¹ São Paulo (1.800.000); Rio de Janeiro (600.000); Porto Alegre (100.000); Manaus (70.000); Fortaleza (60.000); Salvador (50.000); Belo Horizonte (30.000); Belém (25.000); Curitiba (22.000); Goiânia (11.000).

O sucesso dos grupos na organização desses eventos foi reconhecido pela mídia, e não restavam mais dúvidas de que essa política de visibilidade conseguiu se tornar a maior do mundo, através da extensa Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. Havia também colocado o país em segundo lugar em número de Estados da federação que apostam nesse tipo de militância. A maior parada gay do mundo (São Paulo) ajudou a criar um massivo movimento também ao longo do país.

As motivações das pessoas que esperavam ansiosamente por aquele dia tinham a ver com as causas militantes em relação a um evento que, através da política de visibilidade, pretendia tornar mais fácil a vida dos homossexuais na cidade. Mas, definitivamente, um novo campo de possibilidades havia se instaurado, tornando a homossexualidade um assunto de interesse das mais variadas instituições que passaram, juntamente com os ativistas e acadêmicos, também a produzir discursos e saberes sobre a homossexualidade. E, se concordamos com Foucault que práticas discursivas corporificam mundos, importa então mapear as formas de subjetivação que os povoam e, assim, multiplicar as agências.

Nessa nova configuração, uma gama de práticas culturais, até então restrita aos bares, boates e espaços privativos, poderiam ser vivenciadas publicamente. O mesmo valia para os casais de namorados que, naquele dia, trocavam carícias publicamente e caminhavam de mãos dadas pelas ruas. Além disso, a Parada era um momento privilegiado para ver pessoas, paquerar e flertar, já que o evento parecia uma grande boate ao ar livre, em que as pessoas poderiam beber e dançar ao som de suas músicas preferidas. Durante a Parada, os públicos diversos de homossexuais ocupam a Avenida Paulista e, ali, “a cidade cor de rosa” se faz visível por meio dos carros alegóricos de boates como *Loca*, *SoGo* e *Level*. Em torno deles, se distribuía os frequentadores do Centro, dos Jardins ou os amantes da cena moderna, que traziam para a Parada do Orgulho GLBT os sinais de seu estilo de vida e de corpo – *malhados*, *ursos*, *modernos* (Trindade, 2005). Fazer tudo isso para além do “gueto”, pelo menos naquele momento ritual, era tanto o que desejavam quanto o que os organizadores esperavam que se fizesse.

Em diversos pontos da cidade, mesmo para quem não pretendia ir à manifestação, era possível perceber a multidão que para lá se conduzia nas ruas, ônibus e metrô. A vinda de um grande número de homossexuais para São Paulo, por ocasião das festividades da Parada acabou sendo bem vista

também pelos empresários ligados ao turismo, já que muitos dos turistas que chegavam à cidade chegavam a saturar a rede hoteleira da cidade. De igual maneira, o número de passagens compradas para esse mesmo período ajudava a ganhar a simpatia dos empresários das empresas de transportes aéreos e terrestres. Percebendo os lucros de uma concentração tão grande de pessoas, o portal *IG* espalhou, ao longo da Parada, diversos cartazes.

Mas não eram apenas os grandes empresários que lucravam com o evento. Donos de bares, saunas e boates tinham a sua clientela multiplicada por ocasião da Parada, pois, ela passou a se realizar no feriado de *Corpus Christi*. Muitos chegavam à cidade ainda na quinta-feira e ficavam até o domingo. Esses visitantes eram informados sobre a noite gay paulistana através dos diversos flyers e publicações, encontrados nos ambientes frequentados pelo público LGBT e também distribuídos aos montes durante o evento.

Em meio à festa, mulheres usavam gravatas, enquanto que alguns homens vestiam-se com trajes usualmente femininos; homens de couro aludiam ao fetiche do S&M; fitas do arco-íris amarradas na cabeça ou bandeirinhas flamejantes nas mãos. Homossexuais de diferentes faixas etárias poderiam apropriar-se desses sinais diacríticos e afirmarem sua homossexualidade, enquanto a festa tinha como principal anfitriã a drag queen Silvetty Montila, que se tornou apresentadora oficial do evento e afirmou-se como figura carismática e politizada.²² Nos arredores da festa, trabalhadores informais aproveitavam o evento para vender bebidas variadas, cigarros, guloseimas, bandeirinhas, broches com símbolos do orgulho gay, além de outros acessórios. A Parada do Orgulho GLBT acabava mobilizando bem mais do que os gays e lésbicas da cidade.

Hoje, São Paulo possui a maior Parada Gay do mundo e o Brasil é um dos países que conta com o maior número de cidades que realizam esse tipo de manifestação. O tímido movimento passou a ser uma referência mundial, entrando na rota do turismo gay mundial e colocando São Paulo entre as cidades mais gays do mundo. Durante suas edições, proporciona encontros entre homossexuais, bissexuais, transgêneros, *simpatizantes* e heterossexuais dos mais diversos lugares do país; reafirmam-se redes de solidariedade,

²² Silvetty Montila é a artista que, nas boates gays da cidade, quando da candidatura de Marta Suplicy à prefeitura de São Paulo, pedia que as bichas votassem na candidata por que ela era uma defensora dos direitos de gays e lésbicas. Silvetty em meio a brincadeiras escrachadas, falava também dos direitos homossexuais e protestava contra a homofobia. Trata-se de um homossexual negro que se veste com roupas femininas e anima boates gays do centro da cidade, mas que se afirmou como uma personalidade forte e marcante entre os homossexuais que viviam em São Paulo, ou por ali estavam para as festividades.

diversificam-se discussões sobre o tema por meio de filmes, peças de teatro, artes plásticas, música e debates para um público amplo. Intensificam-se as ocupações de lugares públicos na feira cultural no Largo do Arouche, no *gay day* do Hopi Hare, no trajeto da Parada, na premiação realizada no Centro Cultural São Paulo. Tais espaços, nesses momentos, deixam ver então as trocas de carícias, escrachos e paqueras entre pessoas do mesmo sexo.

Em minha tese de doutorado argumentei que, enquanto a Parada de São Paulo crescia em números, esse avanço se refletia nas telenovelas, nas publicações e nos informativos diários que se remetiam a um novo mundo no qual a sexualidade, e particularmente, a homossexualidade, já podia também ser discutida de forma positivada em diferentes setores e instituições. O caso de Édson Neris, graças à ação dos grupos ativistas, tornou-se paradigmático pela sensibilização social para com a homofobia que suscitou. Com o aumento vertiginoso no número de participantes a cada ano,²³ foram criadas frentes de trabalho nas quais atuam vários grupos e ONGs paulistas, que atuam em prol das necessidades da, agora chamada, população LGBT.

No ano em que completou uma década de existência, os organizadores foram informados de que, de acordo com o Termo de Ajuste e Conduta (TAC), imposto pela Prefeitura de São Paulo, a Parada corria o risco de não se realizar na Avenida Paulista, seu palco por excelência.²⁴ Ainda assim, foi lá que ela ocorreu, emplacando mais um recorde de público. Desde então, juntamente com a mundialmente conhecida e esperada Corrida de São Silvestre e com a Festa de Réveillon, a Parada acontece com autorização para ser realizada no local abrigando um público que não para de se multiplicar a cada edição.

A aliança definitiva com o poder público far-se-ia em 10 de fevereiro de 2005, quando foi criada pela Prefeitura de São Paulo a CADS (Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual), uma das ramificações da Secretaria de Participação e Parceria da Prefeitura de São Paulo.²⁵

²³ Segundo informa o site da APOGLBT SP, depois que a parada alcançou, em 2003, 1,5 milhões de participantes, em 2004 ela foi registrada no *Guinness World Records*, o Livro dos Recordes Mundiais, como a maior manifestação do gênero no mundo. <http://www.paradasp.org.br/historico.php>

²⁴ <http://www.paradasp.org.br/historico.php>

²⁵ O objetivo dessa coordenadoria é desenvolver "ações sociais de inclusão e proteção à cidadania e contra a discriminação de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais que vivem e convivem na cidade de São Paulo, defendendo os art. 5º da Constituição Federal e o 3º da Declaração Universal de Direitos Humanos, segundo os quais todos são iguais perante a lei e toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal". A posse solene da primeira diretoria aconteceu na Câmara Municipal de São Paulo, onde se encontravam também deputados, vereadores e militantes de vários estados, e foi finalizado com um discurso proferido pela travesti Miriam Queiroz. http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/participacao_parceria/coordenadorias/cads/organizacao/index.php?p=934

Em vias de conclusão, tentei mapear ao longo desse artigo alguns saberes que se produziram sobre a homossexualidade nas últimas décadas. Por meio do que se dizia sobre os homossexuais, quem dizia e de que forma o fazia, salientei importantes coalisões e alianças nas quais certas fronteiras foram cindidas.

Stonewall, entre nós, deixou marcas indeléveis e nos supriu de uma simbologia visual, mas os rumos do movimento massivo que aqui se produziu, diferenciava a Parada Gay de São Paulo de qualquer outra. Ao invés de afirmar um grupo identitário monolítico que toma a orientação sexual por condição de pertença, conduziu a um coletivo mais amplo e coligações mais poderosas que espelham o reconhecimento crescente de novas formas de articulação, que operam por meio da coalizão: a afinidade em vez da identidade (Haraway, 1985). *Stonewall* continua a ser acionado e mesmo constituir um plano de fundo para um campo simbólico quase sempre ligado à identidade gay. Mas a despeito da intransigência policial, que de diversas maneiras reprimiu a insistente ocupação de espaços públicos pelos homossexuais – James Green (2000) documentou muito dessa violência ao longo do século XX – o *gay pride* tropical se produziu e fortaleceu por meio da multidão. Por isso, a história da Parada Gay de São Paulo, longe de reafirmar unicamente os poderes de uma política identitária fronteira e coerente, revela também as muitas conexões e alianças estabelecidas em nome do respeito à diversidade.

A diferença entre a própria estrutura do evento realizado em São Paulo e em outros países parece sintomática disso. Não existem aqui as alas representativas de cada segmento do mundo gay, seguindo agrupados numa grande e organizada marcha. Na enorme festa realizada nas ruas de São Paulo, o que se percebe é uma grande confusão de categorias. Enquanto eu etnografava as paradas, notei que parecia haver certa procura dos participantes por algum trecho da parada coerente com seu estilo de vida (salientado pelos carros de boates, *cruisings* bares, determinadas músicas); para outros, o trecho mais atrativo era a parte em que havia maior concentração de corpos ou tipos desejados;²⁶ outros ainda, procuravam acompanhar os carros de tendência partidária, movidos por um sentido militante. Para outros, estar por perto do carro principal, é o que realmente valia a pena; ficar próximo dos amigos, ficar nas áreas menos conturbadas.

²⁶ Em minha tese de doutorado trabalhei com três tipos ideais para fazer referência a diferentes tipos de corpos produzidos e divulgados na cena gay de São Paulo: Barbies, Ursos e Modernos. Mas como se trata dos corpos que possam atrair públicos, podemos falar também dos transgêneros, do bofe, da bicha, etc. (Trindade, 2005).

Mas cada uma dessas formas de organização é uma escolha sempre possível de ser revista.

Da maneira como vejo, nosso mito é a multidão. Esse conceito pode nos conduzir a um mundo inteiramente novo e nos lança em um turbilhão de mudanças se processando. A Parada Gay de São Paulo se construiu como um massivo movimento, mas sua dimensão molecular ainda é um campo vasto e inóspito que precisa ser pesquisado. Surgiram outros sujeitos, novas alianças, novas possibilidades. As fronteiras foram cindidas. Ativistas gays agora se associam a empresários, artistas, políticos e personalidades da moda e da noite. Aliaram-se aos heterossexuais que foram cada vez mais tomando parte no evento e, junto aos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros, igualmente se aventuram pela numerosa parada, diluindo-se na multidão.

Antes de concluir este artigo, encontrava-me na casa de um amigo que contava a mim e a outros ali presentes, sobre a cerimônia de união de sua tia, uma médica já de meia idade, com sua parceira, uma procuradora de justiça, de idade aproximada, com quem já vivia conjugalmente havia 13 anos. A cerimônia celebrava publicamente a união legal entre as duas, por meio da assinatura de uma parceria civil. Recordava esse meu amigo que, ainda no início da relação, elas se chamavam carinhosamente de *caso*, pois não lhes passava pela cabeça, pelo menos havia uma década atrás, que uma relação entre parceiros do mesmo sexo pudesse um dia passar desse estágio, o de *caso*. Heterossexuais casavam. Gays e lésbicas tinham *casos*.

As fotos mostravam a decoração do ambiente em que todos os detalhes remetiam às cores do arco-íris, símbolo maior da cultura gay euroamericana. Bexigas com as cores do arco-íris, arranjos de mesa com o mesmo colorido, o bolo de casamento com duas noivas e um casal de cachorros, os enfeites, tudo preparado pela mãe desse amigo, uma mulher heterossexual, de meia idade, que vive feliz em uma relação conjugal estável. Foi esta também a responsável pela celebração da cerimônia e também pela escrita de um emocionante discurso, que havia comovido a todos os presentes, no sítio em que a união acontecera.

Stonewall e sua simbologia se insinuavam em todos os lugares. Mas os sorrisos e as lágrimas de aprovação dos amigos e parentes gays, lésbicas ou heterossexuais ali presentes revelavam uma visível descontinuidade em relação à história do ativismo euroestadunidense. Nesse casamento –

como era chamado por quase todos os presentes – os parentes, os amigos, fossem eles gays, lésbicas ou heterossexuais, celebravam juntos e emocionados a união daquelas duas mulheres. O mundo em que Verinha e Miroca se casaram era, já, outro! Ele tinha bem mais a ver com a multidão.

Referências

D'EMILIO, J. *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas: Movimento homossexual e construção de identidades coletivas nos anos de 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Microfísica do poder*. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 2001, v.1

_____. *História da sexualidade: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal. 2003, v.2.

_____. *História da sexualidade: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal. 2001, v.3

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. 264 p. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. 2006.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense. 1985. Coleção Primeiros Passos.

GREEN, James N. A luta pela igualdade: Desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. In: *Cadernos AEL. Homossexualidade: sociedade, movimento e lutas*. v.10, n.18/19/2003. p. 13-43

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991, p.149-181.

MACRAE, E. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: *Caminhos cruzados*. Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da Multidão. *Lugar Comum*. Rio de Janeiro, UFRJ, n.19-20, p.15-26 jan.-jun./2004.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TRINDADE, Ronaldo. Atores/Autores: Histórias de vida e produção acadêmica dos escritores da homossexualidade no Brasil. In: *Cadernos de Campo*. São Paulo, USP, v.11, n.10, p. 63-77, 2002.

_____. Significados sociais da homossexualidade masculina na era Aids. In: *Cadernos –AEL*. Campinas, Unicamp, v.10, n.18/19, 2003. p. 219-257.

TRINDADE, Ronaldo. Construção de identidades homossexuais em São Paulo. In: UZIEL, Anna Paula *et alii*. *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids*. Rio de Janeiro: Pallas/IMS/ABIA, 2004.

_____. *De Dores e de Amores: Construção de identidades homossexuais em São Paulo*. 249 p. 2005. Tese (Doutorado em Ciência Social, Antropologia Social). São Paulo, Universidade de São Paulo. 2005.